

DIVERSIDADE DE OLHARES: A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM NO DECORRER DAS DÉCADAS

Ana Beatriz Câmara Maciel
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
anaufrn@yahoo.com.br

Zuleide Maria Carvalho Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
zuleide@ufrnet.br

Janny Suenia Dias de Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
jannysuenia@yahoo.com.br

EIXO TEMÁTICO: GEOECOLOGIA DAS PAISAGENS, BACIA HIDROGRÁFICAS, PLANEJAMENTO AMBIENTAL E TERRITORIAL

Resumo

Este trabalho teve como objetivo central fazer um resgate da evolução do conceito de paisagem, enquanto categoria de análise geográfica, por meio de um caminho teórico das diversas correntes do pensamento geográfico. Esta discussão, em torno do conceito de paisagem, se torna importante, uma vez que é sobre essa categoria que se pode fazer uma melhor análise do espaço geográfico de acordo com o interesse das transformações do uso e ocupação nas cidades. Pode-se afirmar que um dos problemas enfrentados pela ciência geográfica incide na sua especialização em subáreas - geografia física e geografia humana. Dessa forma, os geógrafos físicos buscam entender os princípios da formação da sociedade, e os cientistas humanos relutam em se aproximar aos princípios básicos dos sistemas naturais. Sobre a problemática das modificações naturais e antrópicas das paisagens, a análise da paisagem pode revelar-nos significativos resquícios sobre a ocorrência dessas transformações, que são expressos visualmente nas paisagens nas áreas urbanas. Então, nos deixa claro que se deve realizar o estudo das interações sociedade-natureza como uma totalidade, pois sem entender as partes será complicado compreender como se deu as transformações nas paisagens.

Palavras-chave: Paisagem, Transformações, Sociedade-Natureza

Abstract

This work had as main objective to make a rescue of the evolution of the concept of landscape, as a category of geographical analysis, using a theoretical way of the various currents of geographic thought. This discussion around the concept of landscape is important, since it is about this category you can do a better analysis of the geographic space according to the interest of change in land use and settlement in cities. It can be argued that one of the problems faced by geographical science focuses on its expertise in sub-areas - physical geography and human geography. Thus, physical geographers seek to understand the principles of formation of society, and human scientists are reluctant to get close to the basic principles of natural systems. On the issue of natural and anthropogenic changes of scenery, landscape analysis can tell us about the occurrence of significant remnants of these transformations, which are expressed visually in the landscapes in urban areas. So let us make clear that you should study the interactions between society and nature as a whole, because without understanding the parts will be difficult to understand how the changes occurred in the landscape.

Key-words: Landscape, Transformations, Society, Nature

Introdução

Neste trabalho serão abordados os conceitos de espaço, paisagem e paisagem costeira dentro de uma evolução nas diversas correntes da geografia e como este conceito se estrutura atualmente e como será a sua abordagem dentro do universo desta pesquisa. Ressalta-se que o enfoque é para as paisagens costeiras, relacionando-a com o crescimento urbano – das cidades, e com o acelerado processo de urbanização que vem passando nestes últimos anos.

Inicialmente faremos um resgate sobre a construção do conceito de paisagem, enquanto categoria de análise geográfica, por meio de um caminho teórico pelas diversas correntes do pensamento geográfico. Esta discussão, em torno do conceito de paisagem e, posteriormente, de paisagens costeiras, se torna importante, uma vez que é sobre essa categoria da geografia que se pode fazer uma melhor análise do espaço geográfico de acordo com o interesse da pesquisa. Sobre a problemática das modificações naturais e antrópicas das paisagens costeiras, a análise da paisagem pode revelar-nos significativos resquícios sobre a ocorrência dessas transformações, que pode ser expresso visualmente nas paisagens costeiras.

Objetivos

O presente artigo tem como objetivo fazer um resgate do conceito de paisagem nas diferentes correntes do pensamento geográfico e as suas transformações no decorrer desse tempo. Vale ressaltar que a geografia tem como objetivo a análise da relação entre sociedade e natureza apreendida através do conceito de paisagem, enfocando as paisagens costeiras. Dessa forma, a existência de peculiaridades dos dois componentes da totalidade (sociedade e natureza) revogaram os geógrafos a desenvolverem visões distintas e seguir posturas metodológicas diferentes.

Material e métodos

Para a realização deste trabalho foi feita uma revisão de literatura com um levantamento bibliográfico acerca dos principais autores que abordaram os diversos conceitos de paisagem no decorrer dos anos, nas bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (Biblioteca Central Zila Mamedia, Biblioteca Setorial do CCHLA, entre outras), além de sites confiáveis com artigos, monografias, dissertações, teses publicados no Brasil e no mundo – Períodos CAPES. Logo após, foi realizada uma busca nos vários conceitos de paisagens para poder fazer menção sobre a sua importância no contexto atual.

Resultados e discussões

Construção e evolução do conceito de paisagem nas diversas correntes geográficas

Nesse momento, com a evolução da categoria paisagem, na perspectiva de atingir a um caminho que contemple o anseio em desenvolver o presente artigo, pode-se dizer que a princípio, o

nosso maior propósito é de se chegar a uma análise integradora dos elementos que compõem a paisagem, seja nos aspectos naturais, físicos ou humanos. A intenção não é fazer uma análise detalhada a respeito do tema, mas discutir e apresentar as características relacionadas às diferentes abordagens relativas a essa categoria, uma vez que o seu conceito tem sido alvo de muitas interpretações ao longo do tempo.

Foram relacionados vários autores que trabalharam e abordaram, de forma cronológica, o conceito de paisagem geográfica, mas que não terá que ser obrigatória para que a compreensão da categoria seja eficaz.

De acordo com vários estudos pode-se dizer que a origem do termo paisagem é muito mais antiga do que se pode imaginar, sendo que o mesmo é empregado há mais de mil anos por meio da palavra alemã *landschaft* (paisagem) e desde então vem tendo uma evolução lingüística muito significativa (TROLL, 1997).

Para Venturi (2004) o histórico-lingüístico do conceito de paisagem surge por volta do século XV, quando ocorre um distanciamento entre o homem e a natureza, e a possibilidade de domínio técnico suficiente para poder apropriar-se e transformá-la. Dessa forma, Venturi (2004), aborda que foi no século XIX que ocorreu a transformação do conceito de paisagem, com os naturalistas alemães, dando-lhe um significado científico, transformando-se em conceito geográfico (*landschaft*) derivando-se em paisagem natural (*naturlandschaft*) e paisagem cultural (*kurlandschaft*). Atualmente, a perspectiva de análise integrada do sistema natural e a inter-relação entre os sistemas naturais, sociais e econômicos vêm produzindo um novo redimensionamento e nova interpretação ao conceito de paisagem.

Nessa mesma perspectiva, acredita-se que os conceitos vão variar de acordo com as perspectivas de análise, da abordagem e das orientações teórico-metodológicas das várias disciplinas e escolas preocupadas com sua compreensão. Então, o conceito poderá variar da abordagem estético-descritiva – aquela baseada nas idéias físico-geográficas sobre os fenômenos naturais em meados do século XIX – até uma abordagem mais científica – remete-se ao desenvolvimento e estabelecimento do conceito de como vem sendo construído desde a influência de outras ciências, definindo-se como ciência da paisagem. É necessário ressaltar que a variação dos conceitos de paisagem também estará atrelada a sua etimologia, que dará a palavra, um significado diferente de acordo com as escolas relacionadas à Geografia.

De acordo com GUERRA (2006), a base nas orientações teórico-metodológicas das escolas de Geografia (com destaque a germânica, francesa, russa e americana), o desenvolvimento e a aplicação do conceito de paisagem foram construídas de maneira diferenciada, sendo a sua análise apoiada em diferentes horizontes epistemológicos, gerando uma diversidade de abordagens, cada uma, enquadrada dentro de seu tempo específico.

No século XIX, o estudo da paisagem trabalhou a abordagem descritiva e morfológica que abordava a natureza do ponto de vista de sua fisionomia e funcionalidade. Nesse período, destacam-se

grandes trabalhos precursores da época, como Alexander Von Humbolt e Richthofen, que tiveram um papel importante na orientação da geografia alemã. Conforme Christofletti (1999), essa abordagem descritiva mostra que, em sua função estético-descritiva, a palavra paisagem teve seu desenvolvimento inicial relacionado com o paisagismo e com a arte dos jardins. A partir de então, a mesma começa a ganhar várias conotações nos diversos países europeus e abrange outros significados. Dentro desse enfoque segue abaixo as principais escolas da geografia e seus respectivos olhares para o conceito de paisagem:

✚ **Na escola germânica**, foram apresentados novos conceitos sobre paisagem, trabalhando em uma visão geográfica, a partir de um novo método de trabalho baseado na cartografia geomorfológica. Essa escola introduziu também o conceito da paisagem como categoria científica e a compreendeu até os anos de 1940, como um conjunto de fatores naturais e humanos;

✚ **Na escola francesa**, Christofletti (1999) afirma que La Blache considerou como elementos básicos, na organização e desenvolvimento dos estudos geográficos: as características significativas dos *pays* e regiões, os componentes da natureza e os originários das atividades humanas (virada do século XX). Dessa forma, GUERRA (2006) complementa que o termo região foi, durante um longo tempo, o pilar da geografia francesa, aplicando-se tanto a conjuntos físicos, estruturais ou climáticos como a domínios caracterizados pela sua vegetação;

✚ **Na antiga União Soviética**, se caracterizou por ser uma escola fechada, cientificamente, em relação às demais escolas, e pode-se dizer que Dokoutchaev, em 1912, trouxe uma nova abordagem com relação aos elementos da natureza, definindo o Complexo Natural Territorial (CNT), na qual inclui os processos físicos, químicos e bióticos, colocando a vegetação como diferenciadora nas tipologias das unidades de paisagem e o solo como produto da interação entre o relevo, clima e a vegetação;

✚ **Na escola Anglo-americana**, durante os anos de 1940 nos Estados Unidos, substituiu o termo *landscape*, que estava, até então, em uso nesse país sob influência da geografia alemã (Carl Sauer), pela idéia da “região” (Richard Hartshorne), sendo esta um conjunto de variáveis abstratas deduzidas da realidade da paisagem e da ação humana (SCHIER, 2003). A paisagem era analisada sob a perspectiva da evolução do relevo, e teve como destaque trabalhos de Grove Karl (1880) e de William Morris Davis (1899).

Diante do exposto, pode-se inferir que na virada do século XX, houve a tendência para descrição dos elementos físicos das paisagens (destacando-se as formas topográficas) em relação aos aspectos das atividades socioeconômicas. De acordo com Christofletti (1999), o conceito de *landschaft* é visto como o de unidade territorial [...] e destaca que a valorização maior em focalizar as paisagens morfológicas e da cobertura vegetal abrindo caminho para se estabelecerem distinções entre as paisagens naturais e paisagens culturais.

Na Geografia destaca-se o americano Carl Sauer, com sua obra intitulada *The Morphology of Landscape*, de 1925, onde este utiliza o termo *paisagem* para estabelecer o conceito unitário da

Geografia, considerada como sendo uma fenomenologia das paisagens. Sauer, na sua obra supracitada, foi um dos primeiros geógrafos a tratar a geografia de maneira integrada, privilegiando, ao mesmo tempo, os fatores naturais e sociais, inserindo a compreensão da categoria paisagem como elo integrador desses fatores (Figura 01).



Figura 01: Paisagem – integração entre os fatores naturais e sociais.
Foto: Ana Beatriz Câmara Maciel (Dez-2011).

Dessa maneira, Sauer (1925, p. 13, apud CORRÊA, 1998) define a paisagem como sendo,

Uma área composta por associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais, onde sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes, ou seja, a paisagem corresponde a um organismo complexo, feito pela associação específica de formas e apreendido pela análise morfológica, ressaltando que se trata de uma interdependência entre esses diversos constituintes, e não de uma simples adição, e que se torna conveniente considerar o papel do tempo.

No entanto, Sauer (1925, p. 13, apud CORRÊA, 1998), no início do século XX, já afirmava que o conceito de paisagem era algo complexo e que envolvia todos os elementos, sejam eles naturais e sociais. Esse autor ainda ressalta que qualquer definição da mesma, única, desorganizada ou não-relacionada, não tem valor científico, e divide o conteúdo da paisagem em duas partes: o “sítio”, que representa o somatório dos recursos naturais; e a sua expressão cultural, ou a marca da ação do homem sobre uma área.

Nesse breve histórico, ficou evidenciado que o conceito de paisagem nas duas primeiras décadas do século XX estava atrelado à herança do naturalismo e, logo em seguida, abriu espaço para uma reflexão mais abrangente e científica do termo, destacando-se os aspectos fisionômicos da paisagem sem ter uma definição mais integradora e abrangente dos sistemas físicos e sociais.

Essa abordagem perdurou até a década de 1920, após começar a ocorrer uma reflexão mais integradora entre as partes que compõem a paisagem – dando destaque a sua função na natureza. Esse período é marcado pela Teoria Geral dos Sistemas que traz novas orientações aos estudos da paisagem sob a ótica sistêmica e dinâmica entre os elementos da natureza.

Os anos correspondentes a década de 1940 foram marcados pelo surgimento da Teoria Geral dos Sistemas Dinâmicos, publicada em 1948, por Ludwig Von Bertalanffy. Nessa teoria, o autor apontava o paralelismo não só de se estudarem as partes e processos isoladamente, mas também, de

resolver problemas da interação das partes. E esses princípios gerais influenciaram diferentes campos de atividades (Gondolo,1999).

Os trabalhos que começaram a surgir nesse período na escola germânica tenderam a seguir uma nova forma de olhar a paisagem e a ter um novo horizonte epistemológico, caracterizado pela teoria sistêmica. E observou-se uma nova reflexão sobre as pesquisas da paisagem, valorizando mais os sistemas físicos, dando menos ênfase à vegetação. Outros autores começaram a desenvolver na Alemanha e na Europa do Leste, vários estudos diversificando-se em diferentes orientações.

Nessa época, o conceito de paisagem se direcionava para a abordagem sistêmica, onde todos os elementos faziam parte da natureza. Deixando de lado o aspecto fisionômico, este passa a trabalhar as trocas de matérias e energia dentro do sistema (complexo físico-químico e biótico).

Rougerie e Beroutchachvili (1991), afirmam que aparece no cenário acadêmico a idéia do conceito de paisagem como a relação homem-natureza, contrapondo-se à estético-descritiva, abrindo caminho para uma nova abordagem relacionada à categoria em estudo como ambiente ou como objeto, na qual podem ser realizadas ações de intervenção e de pesquisa científica. Para esses autores, a ocorrência da Segunda Guerra Mundial foi um marco muito importante, pois, nesse período, surgiram os primeiros trabalhos de caráter aplicativo, ou melhor, prático, que somente detinha o domínio do discurso. Esses trabalhos surgiram tanto na Alemanha como na antiga União Soviética, fazendo do cenário o objeto de análise e afirmaram que essa visão sistêmica possibilitou uma maior reflexão sobre o conceito, levando à compreensão dos sistemas naturais a partir da sua estrutura e funcionamento.

Com o passar do tempo, Sotchava (1977), ao apresentar os estudos dos geossistemas, aponta que cada categoria de geossistema situa-se num ponto do espaço terrestre e enfatiza que, estes devem ser analisados como pertencentes a um determinado lugar sobre a superfície da Terra. Sotchava (1977) apresenta o geossistema na década de 1960 e marca um novo período de análise sobre a paisagem. O mesmo deixa claro que a natureza passa a ser compreendida não apenas pelos seus componentes, mas através das conexões entre eles, não devendo restringir-se à morfologia da paisagem e às suas subdivisões, deve-se dar preferência a estudar sua dinâmica, sua estrutura funcional e suas conexões.

Rodriguez e Silva (2002) mostram que apesar dos geossistemas serem fenômenos naturais, todos os fatores econômicos e sociais que influenciam sua estrutura e peculiaridades espaciais, deve ser tomado em consideração durante seu estudo e suas descrições. Dessa forma, a abordagem no estudo da paisagem corresponderia, pela primeira vez, em que a análise espacial articulava-se com a análise funcional. E as diversas ciências são relevantes para a formação de um referencial holístico no seu estudo, destacando-se a Geografia e a Ecologia.

Carl Troll propôs a Ecologia da Paisagem, onde aborda a interação entre os modelos espaciais e os processos ecológicos, que acaba sendo a causa e a consequência das diferenças espaciais (TURNER et al, 2001). O conceito foi estabelecido a partir do potencial apresentado pela análise das fotografias aéreas, permitindo a observação de paisagens, dando início a uma abordagem ecossistêmica, como síntese entre a geografia e a ecologia e como questão de convergência das

ciências naturais e sociais (Naver, 1992, in ROCHA *et al*, 1997). Segundo Turner *et. al.* (2001), a Ecologia da Paisagem nasceu como uma ciência transdisciplinar, tendo como base uma visão holística, espacial e funcional dos sistemas natural e cultural, unificando a biosfera e a geosfera com os artefatos tecnológicos.

Diante disso, Carl Troll (1997) traz os primeiros elementos para a sistematização do conceito de geocossistema através da tentativa de hierarquização da paisagem. Elementos esses que Troll (1997) incorpora a uma abordagem funcionalista, na qual marca uma concepção interativa do todo (holística) e sinaliza um enfoque funcional como resultado da observação de que todos os geofatores, inclusive a economia e a cultura humana, se encontram em interação.

Tanto Bertrand (1971) quanto Tricart (1976), da escola francesa, seguem a mesma linha de raciocínio de Carl Troll, na qual se apóiam na abordagem taxonômica, tipológica e dinâmica, e define a paisagem como sendo:

Certa porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto, instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros um conjunto único e indissociável (Bertrand, 1971 apud GUERRA, 2006, p. 111 e 112).

Dentro desse contexto, Carl Troll já afirmava a integração dos elementos naturais e antrópicos e reafirmava que seria impossível tentar dissociá-los, pois estão interagindo uns com os outros, isso que é paisagem.

Tricart (1977) por sua vez, ainda vai discutir a importância da Geomorfologia no estudo e na ordenação da paisagem. Ele considera na sua abordagem que a ótica dinâmica deve ser relevante e define três grandes tipos de situações: os meios estáveis, os meios intermediários e os meios instáveis. O referido autor procurou relacionar a geomorfologia com sua análise sistêmica, ressaltando que a paisagem reflete o funcionamento do ecossistema. E sobre essa análise, o autor conclui que a evolução geomorfológica gera diferenciações nas unidades de relevo que, associadas às modificações das sociedades humanas, constroem unidades de paisagem territorialmente bem marcadas.

Na escola americana de Geografia Física, sob a ótica da abordagem sistêmica, esta vai romper com a epistemologia da abordagem histórica de Davis, e formula uma série de teorias e métodos de análises quantitativas.

Já a escola soviética, com a introdução da abordagem sistêmica na Geografia, teve uma participação muito relevante, pois analisou as relações entre os solos, geomorfologia, vegetação e clima em escala de paisagem (Hugget, 1995). A escola soviética contribuiu nos estudos geomorfológicos para a elaboração das propostas de formulação teórico-metodológica de mapeamento das formas de relevo.

A partir da década de 1980 intensificaram-se os diversos estudos relacionados à paisagem, numa abordagem sistêmica e integrada dos componentes da natureza. Foram vários os trabalhos relacionados com as questões ambientais e de cunho aplicativo, utilizando-se de metodologias, as propostas de Bertrand e Tricart para a classificação da paisagem. Nesse mesmo cenário, surgem trabalhos de Bolós (1981) e Jardí (1990), que abordam os conceitos relativos às Teorias do

Geossistema de Sotchava e da Ecodinâmica de Tricart, elencando o conceito de paisagem integrada, como sendo o resultado da interação do geossistema (elementos, estrutura e dinâmica) com sua localização espacial e temporal.

Então, a abordagem geossistêmica procura entender as variações paisagísticas como produto histórico dos fluxos de matéria e energia, abarcando a ação do homem. Embora o geossistema seja um fenômeno natural, todos os fatores econômicos e sociais influenciam na sua estrutura, consistindo assim, além dos fatores naturais, os fatores ligados a ação antrópica também são levados em consideração durante o seu curso e suas descrições verbais ou temáticas. Modelos e gráficos do geossistemas refletem também parâmetros econômicos e sociais como é mostrado na figura 02.

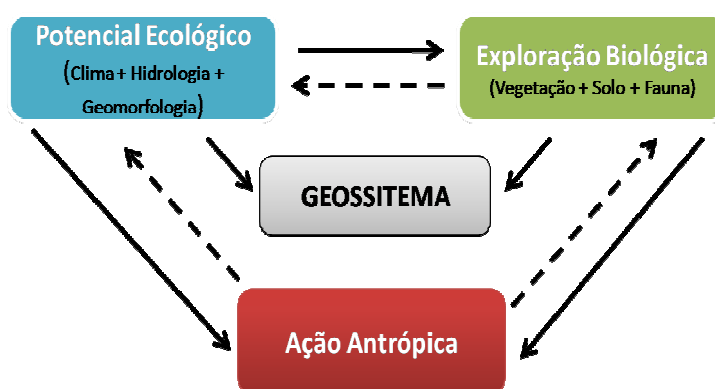


Figura 02: Modelo Geossistema

Fonte: Bertrand, 1971.

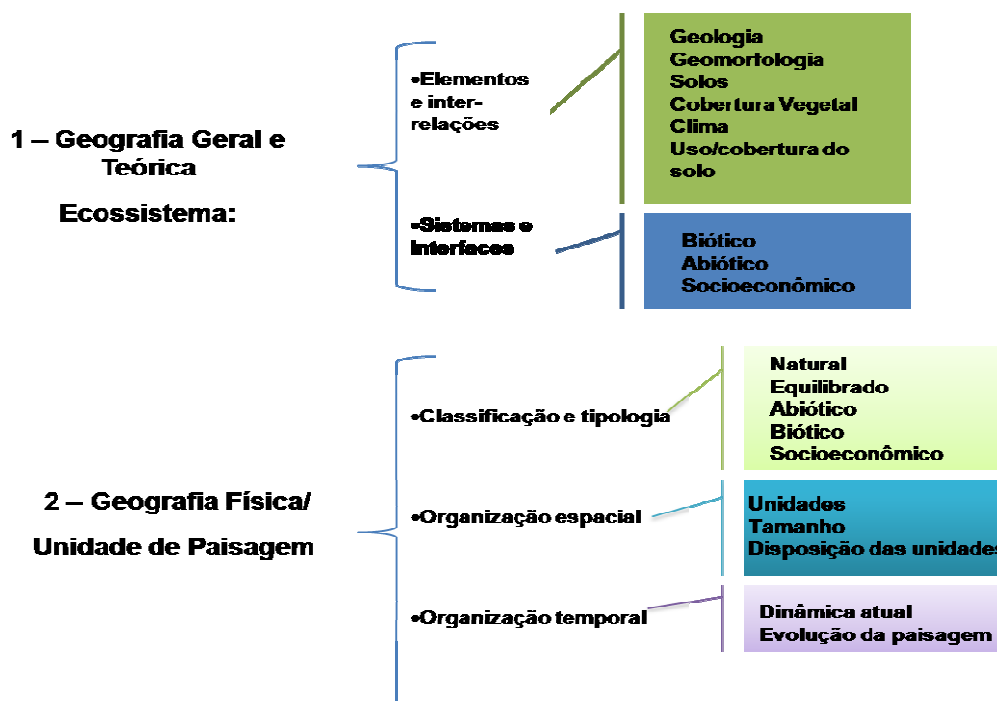
A Teoria Geossistêmica foi organizada por Viktor Borisovich Sotchava, no qual afirmava que o geossistema é uma dimensão do espaço terrestre onde os mais diversos componentes naturais se encontram em conexões sistêmicas uns com os outros. Ocupando assim, um espaço de grande importância junto com a região, o meio e o espaço, a paisagem sempre esteve presente na linha temática da geografia, ela responde à orientação da geografia para o concreto, o visível, a observação do terreno, enfim, para a percepção direta da realidade geográfica, ela é para o geógrafo a porta de entrada para o mundo. Segundo Sotchava (1976) afirma que os geossistemas são formações naturais, experimentando, sob certa forma, o impacto dos ambientes social, econômico e tecnogênico. Podemos então afirmar que o geossistema não se subdivide infinitamente, pois depende de uma organização geográfica. Dentro desse mesmo pensamento Bolós afirma que,

O objetivo do estudo da geografia e da paisagem deve ser visto como uma realidade integrada, onde os elementos abióticos, bióticos e antrópicos aparecem associados de tal maneira, que os conjuntos podem ser trabalhados como um modelo de sistema. (Bolós, 1981 apud GUERRA, 2006, p. 113)

Nesse fragmento é importante destacar que o objeto da geografia é o espaço pelo qual deve ser analisado e compreendido em conjunto com os processos naturais e antrópicos. Esses elementos estão dentro de um sistema. Conforme aponta o autor, é na análise sistêmica e no estudo da paisagem que a geografia se amolda ou se adapta a essa tendência através dos estudos do geossistema – corresponde a um modelo teórico, da mesma forma como o ecossistema, ou seja, não existindo na prática e

correspondendo a uma construção mental e subjetiva da realidade. Assim, o referido autor enfatiza bem a utilização do método sistêmico na análise da paisagem, e conseqüentemente, da Geografia.

Bolós (1981, p.55), ainda define a paisagem integrada como uma área geográfica, unidade espacial, cuja morfologia agrega uma complexa inter-relação entre a litologia, estrutura, solo, fauna e flora, sob ação constante da sociedade, que transforma [...]. Portanto, o espaço geográfico é onde as intervenções da sociedade alteram-se ao longo do tempo e sua dinâmica e evolução são determinadas por processos históricos e naturais. Verifica-se isso no quadro adaptado por Bolós que mostra a orientação dos estudos de paisagem integrada (Quadro 1).



Quadro 1 – Esquema geral da orientação dos estudos de Paisagem Integrada proposta por Bolós (1981) – Adaptado de Bolós, 1981.

Durante a década de 1980, os diversos ramos científicos voltam à atenção para situações de complexidade crescentes entre os sistemas ambientais. Logo em seguida, há uma nova orientação dada aos estudos da paisagem pela Teoria do Caos e da Complexidade e, nesse contexto, a questão ambiental ganha outra dimensão. Atualmente, está sendo muito utilizada a definição de suscetibilidade da paisagem, o que se justifica a influência da Teoria da Complexidade. Dentro da definição, esta considera que a paisagem como sendo um sistema complexo composto de rochas, depósitos superficiais, relevo, solos, plantas, animais e sociedade e que a mesma vem passando por permanentes transformações espaciais e temporais em função da dinâmica dos processos. Thomas (2001) e Camargo (2002), afirmam que,

A dinâmica da paisagem será a função da interação entre os fatores, e a alteração de um componente corresponde a modificações do sistema como um todo, e, dependendo da magnitude e freqüência dos fenômenos espaciais e temporais, a paisagem sempre busca mecanismos de ajuste de sua estabilidade para a interação de todos dos elementos que a compõem novamente.

Diante de tudo o que foi exposto, acredita-se que o conceito de paisagem passou por diversas correntes e abordagens, e ao longo do tempo foi se adaptando às novas formas e funcionalidades propondo novos estudos. Em consequência, a mesma é repensada não apenas como resultado material de interações, mas com uma nova maneira de olhar a paisagem.

Nesse contexto, paisagens são, em quase todas as abordagens dos séculos XIX, XX e XXI, entidades espaciais que dependem da história econômica, cultural e ideológica de cada grupo regional e de cada sociedade e, se compreendidas como portadoras de funções sociais, não são produtos, mas processos de conferir ao espaço significados ideológicos ou finalidades sociais com base nos padrões econômicos, políticos e culturais vigentes. E estudar-la é antes de tudo apresentar um problema de método.

Diante disso, Bertrand (1972, apud OLIVEIRA, 1998, p. 63), entende que a paisagem é:

Resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução, numa porção do espaço, tem-se que pensar em normas legais que contemplem tanto o complexo dos elementos naturais, quanto o de elementos construídos, ou ainda, de ambos, considerados na sua dinâmica e identificados, como patrimônio paisagístico da coletividade.

Conforme o exposto, a paisagem é um resultado de forças naturais e humanas que constitui um fato físico e cultural, os quais estão interligados no espaço em um determinado período (tempo), entendendo esse resultado como o produto e não como uma imagem. Deve ser entendida também como uma estrutura morfológica determinada, que pode ser mensurada, quantificada e qualificada.

Diante dessas considerações, Bertrand (1972, apud OLIVEIRA, 1998, p. 63), afirma que a paisagem não pode ser configurada como uma realidade imóvel, já que a presença do homem nela se estampa, tanto na área urbana como na área rural, através de sua ação sobre os diversos componentes, os quais irão produzir os frutos da sua própria cultura.

Torna-se evidente que a sociedade humana vem, há milhares de anos, sendo responsável pela criação e transformação de segmentos inteiros de paisagens, tais como: enormes canais de irrigação, a construção de grandes espigões – as cidades em geral. Isso deixa claro que são resultados de ações e lógicas sociais, que foram decididas no intuito de prover abrigo, alimento, transporte, energia, lazer, entre outros, para toda a comunidade.

Isso pode ser analisado em Almeida (1993, p.111), quando afirma que as marcas do tempo, impressas na paisagem, revelam uma construção histórica cheia de arte e lembrança que são facilmente identificadas por aqueles que ali vivem, pois o lugar é o espaço da vida. Entretanto, há de se destacar que as paisagens costeiras não são estáticas, mas sim, transformadas quase que diariamente a fim de atender as novas exigências promovidas pela sociedade. Assim, as mesmas, podem não ser as de amanhã, em virtude da rápida transformação dessas áreas. A este respeito, deve-se destacar a crescente tomada de consciência por parte de profissionais envolvidos com a questão ambiental e ao planejamento, em resgatar áreas até então já degradadas.

De forma geral, hoje é possível perceber a existência conceitual de várias paisagens, em forma de região, território, lugar, etc. E discutir essa pluralidade conceitual e cognitiva é, no âmbito da geografia, sem dúvida, um grande desafio. Para a esfera da geografia física, já se percebe uma grande mudança ao se focar a problemática da paisagem, levando em conta o homem, muito embora possa aparecer de forma denotativa e funcional, enquanto para a geografia cultural, há algum tempo, as paisagens são conotativas, cheios de valores subjetivos e relacionados às culturas.

Conclusão

O estudo da paisagem costeira nos permite fazer diversas abordagens. E no presente trabalho esboçamos um enfoque teórico, buscando esclarecer de forma objetiva, os principais processos naturais que atuam na estruturação do espaço. Assim, o trabalho em apreço tratou em estabelecer uma relação conceitual de paisagem entre os sistemas naturais e antrópicos a partir da análise da transformação da paisagem costeira, considerada como de fundamental importância para os estudos geográficos. As mudanças na paisagem costeira ocorreram e continuam ocorrendo de forma acelerada, sem o controle local, devido às poucas políticas de planejamento e gestão efetivas.

Podemos dizer que há esses instrumentos de planejamento, mas os mesmos não são colocados em atividade, de forma que sempre privilegia uma pequena parcela da sociedade. A população local se deslumbra facilmente com as armadilhas retóricas que se escondem por trás do discurso desenvolvimentista. A partir dessa situação, a “nova” configuração espacial fica marcada pelas atividades econômicas que estão sendo desenvolvidas.

Diante dessas inúmeras atividades modificadoras desenvolvidas é necessário que se pense em estratégias de planejamento, gestão e conservação do patrimônio natural e cultural frente à expansão das atividades capitalistas atuais, que na maioria das vezes, está pautado a servir aos interesses externos e interesses locais e regionais que estejam interligados a grupos econômicos e políticos dominantes, cuja ação estratégica está voltada a atender aos interesses particulares desconectados das necessidades e direitos da sociedade local.

Recomenda-se um estudo mais aprofundado sobre a paisagem costeira, já que a mesma é instável e com o passar do tempo, as interferências antrópicas ocorrem com mais intensidade, desta forma é preciso um monitoramento permanente das áreas, em função de auxiliar possíveis futuros projetos e planos de benfeitoria para as áreas estudadas.

Podemos afirmar que as paisagens costeiras são áreas ambientalmente sensíveis, onde ocorrem os conflitos dos usos e ocupação da terra e a necessidade de se direcionar aos usos futuros, o desenvolvimento sustentável da zona costeira. Sugerimos que ocorra a implantação efetiva, com uma ampla participação da sociedade, das unidades de conservação da natureza que já foram criadas no planejamento e a realização de estudos específicos visando a identificar a necessidade da criação de novas áreas de conservação, com vistas a ampliar a proteção aos ecossistemas costeiros e à paisagem,

garantindo a continuidade dos recursos naturais e socioculturais que servem de base para o desenvolvimento econômico.

Referências

ALMEIDA, J. R. de. **Planejamento Ambiental**. Rio de Janeiro: Thex Editora: Biblioteca Estácio de Sá, 1993.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global**: um esboço metodológico. Revista IGEOG/USP. São Paulo: USP, n. 13, 1971. Caderno de Ciências da Terra. p. 1-27.

BERTRAND, Georges. **Paisagem e Geografia física global**. Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Editora: UFPR. Tradução: Olga Cruz. Trabalho publicado, originalmente, na “Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest”, Toulouse, v. 39. n. 3, p. 249-272, 1968, sob título: Paysage et géographie physique globale. Esquisse méthodologique. Publicado no Brasil no Caderno de Ciências da Terra. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, n. 13, 1972.

BOLÓS, M.I.C. **Problemática actual de los estudios de paisaje integrado**. **Revista de Geografia**. Barcelona. v.15. n1-2. 1981. p. 45-68.

CAMARGO, L. H. R. **A geografia da complexidade**: o encontro transdisciplinar da relação sociedade e natureza. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Geografia. UFRJ. 2002. 207p.

CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda, 1999. 236 p.

GONDOLO, G. C. F. **Desafios de um sistema complexo à gestão ambiental**: Bacia do Guarapiranga, região metropolitana de São Paulo. São Paulo: FAPESP, Annablume Editora. 1999. 162 p.

GUERRA, Antônio José Teixeira; MARÇAL, Mônica dos Santos. **Geomorfologia Ambiental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 192 p.

HUGGET, R. T. **Geoecology: an evaluation approach**. Ed. London, Routledge. 1995. 320 p.

JARDI, M. **Paysage: ¿una síntesis geográfica?** Revista de geografia. Barcelona. v. XXIV. 1990. p. 43-60.

OLIVEIRA, Livia de.; MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadepho. **3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem**. Rio Claro: UNESP, 1998. v.1. 154 p. (Cadernos Paisagem / Paisagens).

ROCHA C. H., SOUZA, M. L. P. & MILANO, M. S. **Ecologia da paisagem e manejo sustentável dos recursos naturais**. Geografia. Rio Claro, 1997. v. 22 (2): p. 57-79.

RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, E. V. A classificação das paisagens a partir de uma visão geossistêmica. **Mercator** – Revista de Geografia da UFC. Ano 1. n. 01. 2002. p. 95-112.

ROUGEIRE, G.; BEROUTCHACHVILI, N. **Geosystemes Et Paysages**: Bilian Et Méthodos. Paris: Armand Colin, 1991. 302 p.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. 1925. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p.12 – 74.

SCHIER, R. A. **As concepções da paisagem no código florestal**. Curitiba, 2003 a. 117 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná.

SOTCHAVA, V. B. Estudos dos Geossistemas: Método em Questão. IGEO/USP. São Paulo, 1977.

THOMAS, M. F. **Landscape sensitivity in time and space**: an introduction. *Catena* 42, 2001. p. 83-98.

TRICART, J. **A Geomorfologia nos estudos integrados de ordenação do meio natural**. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro. 34 (251). 1976. p.15-42.

TRICART, J. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro: SUPREN/IBGE, Diretoria Técnica, 1977. 91 p.

TROLL, Carl. A paisagem geográfica e sua investigação. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, n.2, p. 7, jun.1997.

TURNER, M., GARDNER, R. H. & O'NEILL, R. V. **Landscape Ecology in Theory and Practice**: pattern and process. Springer Edit, 2001. 404 p.

VENTURI, Luis Antonio Bittar. **A dimensão territorial da paisagem geográfica**. Comunicação em mesa coordenado VI Congresso Brasileiro de Geógrafos – AGB, Goiânia. Publicado nos *Anais do Encontro*. 2004. 11 p.